

Fátima Outeirinho
Universidade do Porto

A presença da herança clássica na narrativa de viagem a Itália

A problemática que, nestas breves notas, elegemos para objecto da nossa reflexão, prende-se com a presença de uma herança clássica em narrativas de viagem a Itália, importando-nos questionar qual a sua função em textos gerados a partir de uma prática em considerável expansão, à época a que nos reportaremos. Os escritos que nos servirão de apoio, todos eles relativos a experiências de viagem realizadas em Itália, no século XIX, se dão testemunho da adesão a uma prática cultural que o Oitocentos português conhece de forma acentuada a partir da década de sessenta, são também reveladores de um novo modo de pensar a viagem e da existência de novos tipos de viajantes já distantes da prática aristocrática do *Grand Tour*¹ que o jovem inglês protagonizava, de modo mais intenso no século XVIII, e que fazia da viagem a diversos países da Europa, de que a Itália era um dos destinos maiores², ritual de passagem educativa e marco de distinção social não negligenciável. Não só é delicado falar duma prática do *Grand Tour* entre nós pelo que ela tem de manifestamente residual – e pensemos, por exemplo, no périplo de D. Pedro V já de si excepcional para a época e com contornos específicos³ – como ainda os textos que encontramos no Portugal oitocentista não apresentam a viagem na Europa, e na Itália em particular, enquanto viagem apenas ou sobretudo de formação, mas igualmente, e por vezes de forma maioritária, enquanto viagem de lazer e divertimento, para o viajante e para quem fruirá os seus relatos de viagem. Porém e como adiante veremos, do *Grand Tour*, nos relatos dos portugueses que viajam em Itália, conserva-se a mesma procura dum passado grandioso e a constatação de uma decadência presente, fazendo-se em Itália a experiência do devir histórico, encontrando-se a viagem oitocentista já inscrita ou a fazer fronteira com um fenómeno turístico em crescimento acelerado.

¹ O *Grand Tour* torna-se uma prática institucionalizada na Inglaterra de meados do século XVII.

² O outro destino era a França.

³ Cf. estudo de Filipa Lowndes Vicente – *Viagens e Exposições. D. Pedro V na Europa do Século XIX*, Lisboa, Gótica, 2003.

Vários são os homens de letras, muitos deles estreitamente ligados ao mundo do periodismo, que no século XIX escolhem a Itália⁴ como espaço a percorrer⁵, não procurando no país um modelo de progresso e desenvolvimento – a esse objectivo a França, a Alemanha ou a Holanda respondem de forma mais cabal – mas na medida em que encerra testemunhos civilizacionais e artísticos de valor fundacional. António Pedro Lopes de Mendonça, António Rodrigues Sampaio, Júlio César Machado, Luciano Cordeiro, Ricardo Guimarães ou Monsenhor Pinto de Campos darão à estampa, de forma célere, os seus relatos de viagem, através do periódico e/ou através de suporte livresco. Trata-se de viajantes avisados, na sua maioria homens de letras que não se confundem com o simples turista ou burguês que viaja. Apresentam-se como observadores e comentadores do real observado, comentadores da paisagem, seja ela urbana, rural, natural ou humana. Lembremos pois os seus escritos, cruzados de quando em vez pela citação latina⁶, cruzados igualmente por revisitações da mitologia, de obras e autores clássicos ou de seus intermediários, sejam eles herdeiros de uma herança clássica, sejam eles estudiosos da civilização romana.

Lopes de Mendonça e Júlio César Machado, dois grandes folhetinistas do século XIX, viajarão em Itália, na década de 50 e na década de 60, respectivamente. Lopes de Mendonça escreverá *Recordações de Itália* (1852) e César Machado *Do Chiado a Veneza* (1867). Tanto o autor de *Memórias de um Doido* que publicará, como ele próprio afirma, as “impressões fugitivas de um espírito despreocupado que vê tudo de corrida porque o tempo não lhe sobra”⁷ como o autor de *Cláudio*, que inicia a sua narrativa de viagem com um folhetim no jornal *A Revolução de Setembro*, significativamente intitulado “Conversação acerca de Itália”, ambos apelam sobretudo para uma bagagem cultural em articulação com uma história e uma vivência da actualidade que abre, por exemplo, lugar para a *petite histoire*, numa atenção ao quotidiano, pontuado por dinâmicas culturais autóctones mas também de sinal europeu. Em ligação íntima com a natureza da condição de folhetinista estabelece-se um protocolo de leitura assente na produção e oferta de um presente passado em revista, através de uma

⁴ As narrativas de viagem oitocentista apresentam Itália enquanto destino turístico por excelência e lembremos os testemunhos de Lopes de Mendonça, de Júlio César Machado ou, décadas mais tarde, do Visconde de Benalcanfor. Lopes de Mendonça afirma: “A Itália é viajada palmo a palmo, por todos os *touristes* do mundo” (*Recordações de Itália*, Lisboa, Tipografia da Revista Popular, 1852, p. XVI); Júlio César Machado, em Milão, dirá: “Os *toristas* [*sic*] chovem ali por esse tempo [Abril]” (*Do Chiado a Veneza*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, 1867, p. 24) e o Visconde de Benalcanfor observará ao visitar Roma: “Os lojistas romanos pensam exclusivamente em vender aos estrangeiros artefactos e produtos, que lhes recordem Roma, cujos monumentos aparecem reproduzidos em broches, em botões, em relógios, e os estampados em fazendas de seda e algodão, condenada por esta forma a cidade dos Césares a inauditos desacatos” (“Em Roma”, *O Comércio do Porto*, 30 Abril, 1876). A actualização ortográfica que adoptamos é da nossa responsabilidade.

⁵ Não são apenas os homens de letras a percorrer Itália. Contudo, são preferencialmente estes que publicarão os seus textos de viagem. Assim, por exemplo, António Carneiro também fará um périplo por Itália, mas com vista a complementar a sua formação artística e só postumamente são publicadas as suas notas de viagem. Cf. *Notas de Viagem em Itália (1899) de António Carneiro*, apres. de Flório de Vasconcelos, Sep. da *Revista Estudos Italianos em Portugal*, nºs 45/46/47, 1982/83/84.

⁶ Cf. A. Maurício Cabral que em “A Gruta Azul”, *O Nacional*, 1 Agosto, 1860, cita Horácio, nas suas impressões de viagem.

⁷ Lopes de Mendonça – *Recordações de Itália*, *op. cit.*, p. 108.

escrita ligeira, saborosa, com o seu *quantum satis* de erudição, permitindo integrar no texto a alusão a autores e a obras contemporâneas num conhecimento partilhado entre narrador-viajante e leitor. Assim, nestes dois autores, a presença de uma herança clássica rareia e o facto de Roma não fazer parte do percurso escolhido, Roma que é espaço propiciador por excelência de rememoração dum berço civilizacional, ajuda a iluminar essa quase total ausência. Também a obra *Viagens. França, Baviera, Áustria e Itália* (1875) de Luciano Cordeiro, talvez por apenas encerrar a visita a Veneza, não explora a adopção de referências a um universo clássico, privilegiando antes a Itália artística de ressonâncias orientais⁸.

Se todavia nos debruçarmos sobre os textos de viagem de Rodrigues Sampaio, Ricardo Guimarães ou Pinto de Campos verificamos que os caminhos trilhados, no que respeita a uma presentificação da herança clássica, são já distintos. Na verdade e poucos anos antes de Júlio César Machado, o notável publicista António Rodrigues Sampaio, sob forma epistolar, registará as suas impressões de viagem no diário lisbonense *A Revolução de Setembro*, no ano de 1862⁹, sendo as suas cartas atravessadas por uma clara evocação de fontes livrescas clássicas. Eis uma passagem da carta endereçada a António Augusto Teixeira de Vasconcelos, também ele um narrador-viajante:

*Sabe quem me faltava em Nápoles? Era v. e o nosso Castilho. E para quê? Para contemplarmos, para lermos, para admirarmos o sexto livro da Eneida, e com ele na mão percorrermos os lugares descritos por Virgílio, e as ruínas que o tempo e as erupções vulcânicas lhes têm causado. Não era para admirarmos os prodígios da civilização actual que eu os desejava ao pé de mim, era para venerarmos tantas gerações extintas, tantos monumentos da sua civilização, tantas recordações do que aprendemos na nossa infância.*¹⁰

E em seguida, Rodrigues Sampaio traça o possível roteiro que poderiam eleger e que o clássico latino lhe sugere, inscrevendo no texto trechos em latim retirados da *Eneida*, sintomaticamente não sentindo necessidade de os traduzir, deixando supor a existência de um destinatário com formação similar à sua e, por consequência, familiarizado com a língua latina. Rodrigues Sampaio evoca a quinta de Cícero, o cabo Miseno, Cumas, o túmulo do poeta ou os templos de Serápis, Diana, Vénus ou Mercúrio. E, interpelando o seu destinatário, questiona: “E que são hoje estes lugares, me perguntará, v.? São pocilgas imundas, muitas delas como o serão talvez daqui a séculos os luxuosos palácios cujo esplendor hoje admiramos. Mas ruínas de uma grandeza passada atestam ainda a majestade de outras eras, e a majestade, mesmo caída, inspira sempre interesse”¹¹. Virgílio

⁸ Respiquemos apenas um exemplo da imagem oriental eleita por Luciano Cordeiro: “Ao longe, *super aquas*, numa espécie de poeira de ouro e coral aparecia Veneza, Veneza oriental, a fantástica, a aquática, a única, *Venezia la bella*” (cf. *Viagens. França, Baviera, Áustria e Itália*, Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 1875, p.226).

⁹ *O Comércio do Porto*, alguns dias mais tarde, reproduzirá esses mesmos textos de viagem e serão os textos aí republicados a base a partir da qual trabalharemos.

¹⁰ António Rodrigues Sampaio – “Visita a Nápoles”, *O Comércio do Porto*, 30 Junho, 1862. O conhecimento de Itália adquire-se desde cedo e disso dá também testemunho Lopes de Mendonça quando afirma sobre Itália: “(...) terra que se aprende a conhecer quando se é criança, nos livros de ensino (...) que se associa à palavra arte” (cf. *Recordações de Itália, op. cit.*, p. 68).

¹¹ *Idem*.

é de facto eleito companheiro de jornada e, por esse motivo, dirá ainda Rodrigues Sampaio a Teixeira de Vasconcelos, já a narrativa vai adiantada: “Tenho-lhe falado da Itália antiga, da Itália do Virgílio, da Itália poética. E ainda não acabei”¹². A presença do autor latino justifica-se à luz do espaço percorrido, justifica-se ainda por uma estratégia constante na narrativa de viagem e que se prende com a necessidade de criar laços de cumplicidade entre autor e destinatário, com frequência tornados possíveis pelo apelo que no texto se faz a uma cultura partilhada constituída por obras e autores. No caso em apreço, a regular alusão a essa herança é ainda um bom testemunho do convívio com os clássicos por parte dos nossos intelectuais oitocentistas, fazendo parte do seu percurso de formação. Assim também, não é só Virgílio a sustentar o olhar de Rodrigues Sampaio. Horácio e Plutarco são convocados, por vezes citados, e as suas afirmações cotejadas com a realidade encontrada. Dirá, por exemplo noutra carta, o autor: “Em Nápoles tínhamos feito as devidas honras a Virgílio; em Roma não quisemos ser descortesias com Horácio”¹³. E segue-se, em carta de 20 de Junho, a descrição da ida a Tivoli, salteada com excertos de odes de Horácio¹⁴.

Não podemos todavia deixar de observar que textos contemporâneos são trazidos à colação e revelam fontes livrescas diversas mais recentes ou mesmo contemporâneas do narrador-viajante, apoiando os juízos que se fazem em torno de Itália. Lembremos, tão só, a referência por certo a *La Question Romaine*, do seu contemporâneo francês Edmond About¹⁵. Na verdade, tal vaivém entre passado e contemporaneidade suporta a visão que Rodrigues Sampaio tem de Roma: “(...) eu só lhe conto o que vejo e o que sinto, e neste sentido só considero a Roma antiga e a Roma moderna, a Roma pagã e a Roma cristã. (...) Daquela vieram-nos a política, o direito civil, a legislação; desta a religião e as belas artes”¹⁶.

Muito embora Rodrigues Sampaio dê uma maior atenção a uma revisitação do passado, com a deambulação de pendor peregrino¹⁷ por entre ruínas que fazem história, na sua estadia em Itália, o publicista atenta igualmente em vivências de um quotidiano prosaico que cativa o olhar: “O movimento em Nápoles é espantoso. (...) Uma população alegre enche estes lugares. As mulheres penteiam-se à porta de casa, às vezes na praça, os homens trabalham também à porta, e muitas vezes na rua. Há sempre bastante gente como que a descansar”¹⁸.

Sem sombra de dúvida porém, nas suas cartas, António Rodrigues Sampaio privilegia uma rememoração da Antiga Roma e a dado momento sente a obrigação de justificar a necessidade, de lastro romântico, de ver as ruínas *in situ*. Ouçamo-lo:

¹² Cf. ainda outra carta publicada, no *Comércio do Porto* a 7 de Julho de 1862, em que se relembra a leitura do sétimo livro da *Eneida*.

¹³ António Rodrigues Sampaio – *op. cit.*, 7 Julho, 1862.

¹⁴ Cf. *idem*.

¹⁵ Cf. *Idem*, 7 Julho, 1862. Na verdade, a obra vem identificada pelo autor com o título de *Rome Contemporaine*.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ O périplo por Itália é ainda apresentado de forma imagética como uma “peregrinação” durante a qual muitos dos visitantes experimentam o desejo, raramente concretizado, de adquirir relíquias como acontece com o seu amigo Prego na tentativa, quase sempre gorada, de trazer uma lasca com história.

¹⁸ António Rodrigues Sampaio – “Visita a Nápoles”, *op. cit.*

*Parece, pelo que lhe vou narrando, que aqui não há ou que eu não tenho visto senão ruínas. Não é assim; mas estas ruínas merecem mais a minha contemplação do que muitas das grandezas modernas. (...) Nas ruínas do passado lê-se a história do presente e os destinos do futuro. Aquele silêncio é mais eloquente do que todos os discursos dos novos políticos, aquela mudez mais expressiva do que as exclamações de uma ciência vã e orgulhosa.*¹⁹

Na década de setenta, Ricardo Guimarães viajará por Itália, insistindo também ele no contacto com os vestígios civilizacionais romanos, facto que o obriga a afirmar a dado passo: “Temo, em verdade, abusar da benevolência do leitor, rogando-lhe que me acompanhe ao âmago de outras ruínas tão vastas como o Coliseu – as termas de Caracalla”²⁰. Os relatos de viagem de Ricardo Guimarães marcarão presença nas páginas do diário portuense *O Comércio do Porto*. Nos anos de 1875 e 1876, as “Cartas de viagem” do Visconde de Benalcanfor sucedem-se com regularidade, registando uma viagem ao Egipto que nos põe em contacto com as terras visitadas ao longo do itinerário escolhido. Assim, a Itália é também objecto dessas cartas pois situa-se no percurso de regresso²¹. A publicação em livro desses textos de viagem com *De Lisboa ao Cairo* (1876)²² e *Na Itália* (1876) congrega os folhetins parcelares oferecidos pelo periódico. De pendor descritivo muito acentuado, os escritos do Visconde de Benalcanfor, embora firmem numa experiência pessoal da viagem, tendem a desembocar numa narrativa de guia de viajante: o peso da informação sobre os espaços percorridos resulta da indicação sobre a oferta de serviços ao viajante, da notícia sobre usos e costumes das populações autóctones ou da regular nota histórica ligada a esses lugares. Com constância, as notas descritivas e históricas ancoram-se em citações de autores quase sempre franceses, seguidas de abundantes notas de rodapé que apresentam bibliografia em apoio das afirmações. Montesquieu (com *Grandeur et Décadence des romains*)²³, Ampère (com *L’histoire romaine à Rome*)²⁴, Michelet (com *Histoire romaine-république*)²⁵, mas também Chateaubriand²⁶, Villemain²⁷, Sainte-Beuve²⁸

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem*, 29 Junho, 1876.

²¹ É também o caso de Espanha que integra as primeiras etapas do itinerário escolhido.

²² Os dois últimos capítulos da obra dão conta do regresso do narrador-viajante e situam-se já na península itálica, são eles “No mar – Nápoles” e “Ainda em Nápoles”.

²³ Cf. as “Cartas de Viagem” do Visconde de Benalcanfor “Volta ao Coliseu” ou “As Termas de Caracalla”, publicadas, respectivamente, no *Comércio do Porto* de 11 Junho, 1876 e 29 Junho, 1876.

²⁴ Cf. Visconde de Benalcanfor – “O Forum – o palácio – o Coliseu”, *op. cit.*, 30 Maio, 1876 ou “A Via Appia – O Campo Romano” de 9de Julho.

²⁵ Cf. Visconde de Benalcanfor – “De Nápoles até Roma”, *op. cit.*, 19 Abril 1876 ou “As Termas de Caracalla” de 29 de Junho.

²⁶ Cf. Visconde de Benalcanfor – “Em Roma”, *op. cit.*, 14 Maio, 1876. Em nota de rodapé explicita-se que se cita Ammiano Marcellino *apud* Chateaubriand

²⁷ Cf. Visconde de Benalcanfor – “Volta ao Coliseu”, *op. cit.*, 11 Junho, 1876 ou “Horácio- O Poeta” de 6 de Agosto do mesmo ano. As afirmações são feitas com base no estudo de Villemain sobre a *República* de Cícero.

²⁸ Cf. Visconde de Benalcanfor – “Horácio – O homem”, *op.cit.*, 20 julho, a partir dum estudo sobre Horácio e Virgílio, o mesmo sucedendo relativamente a Noel Desvergers, Charpentier ou o Visconde de Seabra que traduziu Horácio.

(*Étude sur Virgile*), Eugène Despois²⁹ e o português Visconde de Seabra³⁰, tradutor de Horácio, com obras que versam sobre a civilização romana ou sobre escritores latinos, são autores, e sobretudo autoridades, a todo o instante convocados, à medida que o narrador-viajante vai guiando, com persistência e denodo, o seu leitor por entre ruínas e vestígios do fulgor do império romano.

O cotejo constante com uma memória livresca, bagagem inalienável do literato-viajante, leva a comparações frequentes entre a realidade observada e o imaginário grandemente construído sobre leituras que o narrador transporta para onde quer que vá. Com frequência, o lido, o imaginado, e o que está a ser visto não coincidem, podendo redundar em desabafos como este:

*Que contraste formal entre a Roma contemporânea e a Roma tradicional da república e dos imperadores principalmente para o espírito do visitante salteado de reminiscências clássicas.*³¹

(...)

E a rocha Lupercal das nossas leituras clássicas. Em que abismos se sepultou? E a colina Vellia, em cujo ponto culminante assenta o arco de Tito, onde escondeu os seus pendores abruptos?

(...)

*Digamos pois adeus à fábula, ao idílio, aos trechos clássicos, às visões ambiciosas de imaginação que antecipadamente nos entraram na fantasia uma Roma típica, convencional cujos moldes se preparam de há muito e que custa ver partidos e dispersos mal encaramos na imagem predilecta a esvaír-se no ambiente impalpável dos fantasmas.*³²

Viajar num espaço civilizacional matricial é ainda reconhecer um devir histórico que confronta o viajante com uma realidade empírica pouco atraente, até mesmo decadente e malsã. Interroga-se o Visconde de Benalcanfor:

*De que serve a majestade da história que cinge de uma auréola veneranda a tudo quanto emerge das sombras do passado – anais, fastos, estátuas, obeliscos, monumentos – de que vale a glória de haver sido celebrado por um poeta imortal, como o foi Marcelo, filho de Octávio, o foi por Virgílio, se quatro barracas toscas, onde estão à vendas cominhos e outras especiarias não menos merceiras, podem qualquer dia contagiar com seus herpes de podridão a pureza clássica de um monumento sagrado pela tríplice majestade de César, de Augusto e do povo romano, e ao qual sobredouram as virtudes de Marcelo e o génio do poeta da Eneida.*³³

A importância da memória livresca do viajante, no contacto com a realidade observada, surge iterativamente, convidando o leitor a partilhar com o narrador-viajante incursões no domínio de um processo de construção imaginária: “Volvendo novamente os olhos às faldas do monte Capitolino, atentando bem nos sítios por onde corria a

²⁹ Cf. Visconde de Benalcanfor – “Horácio. O Poeta”, *op. cit.*

³⁰ Cf. *Satyras e epistolas* / por Quinto Horacio Flacco, 2 vols., trad. e anotadas por António Luiz de Seabra, Porto, Casa de Cruz Coutinho, 1846.

³¹ Visconde de Benalcanfor – “Em Roma”, *op. cit.*, 30 Abril, 1876.

³² *Idem*, 14 Maio.

³³ *Idem*, 29 Junho, 1876.

‘via triunfal’ em que de um lado ficava o cárcere mamertino e do outro o templo da Concórdia poderemos ir reconstruindo pelo pensamento os edifícios e templos extintos do ‘Forum’, o coração da antiga Roma”. Ou mais adiante: “Em presença de tantas ruínas, e de tão inegáveis documentos do passado, adquire-se a convicção inteira, de que eles foram o teatro e as testemunhas dos lances agitados, das tragédias supremas que constituíram a vida e o destino daquele povo.// Ao cabo de poucos minutos de concentração, salteiam-nos a mente visões ensanguentadas e revive, evocada pela imaginação e pela história, a vida forte, viril, sempre sangrenta dos romanos(...)”³⁴.

De entre as referências estritamente literárias, Horácio é presença obrigatória até porque se percorrem os espaços onde viveu e se aproveita a descrição da natureza contida na sua obra para falar daquela de que o narrador-viajante faz agora a experiência. Em etapa liminar da narrativa sobre Tibur, pode ler-se na carta de viagem de Ricardo Guimarães: “(...) leitor amigo, vou levar-te, jornadeando ambos exactamente pelos mesmos sítios, que Horácio atravessava amiúde entre Roma e Tibur, cujas belezas naturais o poeta tão calorosamente exaltava”³⁵. As cartas de viagem do Visconde de Benalcanfor chegam de alguma forma a converter-se numa homenagem a Horácio, apresentado como “sombra amiga, que (...) se transforma no génio protector dos sítios que [se percorrem]”³⁶. Com efeito, o autor dedicará duas das suas epístolas a Horácio. Em “Horácio – O Homem”, trata a biografia do escritor vista pela refração prismática da sua obra³⁷. Em “Horácio – O Poeta”, apresenta-se sumariamente a sua obra diversa, caracterizando-a com vista a mostrar a universalidade e transtemporalidade dum criador que tinha como máxima a moderação e a indulgência³⁸.

Também Virgílio emerge da memória do viajante durante o périplo por Itália, mas não merecerá a honra de um espaço epistolar exclusivo, apenas reservado a Horácio. Com efeito, as referências a Virgílio decorrem da visita a espaços propiciadores de reminiscências virgilianas: “Passeando em digressão a Pausilipo, ou a Sorrento, visitando Torre del Greco ou Baías acode-nos à memória o nome de Virgílio, o mavioso poeta, que em suas eglogas cantou os encantos e amenidades de Campânia, e que havendo nascido em Mântua teve em Nápoles o seu túmulo actualmente ignorado, não esse que os cocheiros e os guias nos mostram nesciamente à entrada da gruta de Pausilipo”³⁹.

Importa-nos ainda relevar nestes escritos as ocorrências que se prendem com aplicações de sabor mitológico a realidades experimentadas no quotidiano e desde logo legitimadas pelo facto do narrador-viajante estar a pisar o terreno de onde são originárias. Assim, na aproximação ao Vesúvio, a descrição de Ricardo Guimarães apodera-se de imagens e figuras mitológicas para dar conta da paisagem e acção vulcânicas: o Vesúvio “arremessa chamas ao céu, como o Júpiter irado da mitologia vibrava à terra raios inflamados”, “À roda do Vesúvio enlaçam-se os pânpanos como

³⁴ *Idem*, 30 Maio, 1876.

³⁵ *Idem*, 23 Julho, 1876.

³⁶ *Idem*.

³⁷ Cf. *Idem*, 20 Julho, 1876.

³⁸ Cf. *Idem*, 6 Agosto, 1876.

³⁹ Visconde de Benalcanfor – “No mar – Nápoles”, *op. cit.*, 23 Janeiro, 1876.

coreias de bacantes” e, a propósito de vulcões extintos, aponta-se para as “órbitas vazias, apagadas na frente dos Ciclopes”⁴⁰.

Procedimento idêntico encontramos-lo nas *Impressões de Viagens na Itália e no Sul de França* (1880) do clérigo brasileiro Pinto de Campos que visita a Itália no ano de 1879 e, de imediato, publica, num primeiro momento, as suas cartas no *Diário de Notícias*. Como o próprio refere em advertência, as epístolas versam maioritariamente sobre religião e belas artes, dando conta do que se passa na actualidade em Itália e registando as impressões experimentadas durante a sua estadia. Contudo, o que nos interessa relevar nestes escritos é o aproveitamento mitológico, a que aludíamos, e, neste caso, de cariz aparentemente arbitrário e não fundamentado. Lembremos tão somente duas passagens das suas cartas. Após a visita a S. João de Latrão, regista o autor, sem qualquer explicação plausível: “Ao sair do templo, surgiu-me uma velhinha a pedir esmola, que me fez lembrar, à primeira vista a ninfa Egéria. Disse-me que tinha 86 anos”⁴¹. Ou a propósito das inundações que ocorrem, observa: “O Tibre, qual outro minotauro, já não se alimenta senão de carne humana!”⁴²

Esta brevíssima travessia que fizemos de relatos sobre viagens a Itália não visou secundarizar representações de Itália que também a mostram como “a terra das artes”, nas palavras de Rodrigues Sampaio⁴³. Visou outrossim iluminar a presença tão viva de uma herança clássica de natureza histórica, literária e mitológica que torna as narrativas de viagem textos-síntese, informação condensada oferecida a um público leitor que, deste modo, se familiariza ou relembra marcos fundadores e matriciais da sua própria cultura. Porém, e importa notá-lo, a erudição de matriz clássica não serve um fim propriamente didáctico ou ornamental. Tal presença funciona como elemento estruturante de uma construção narrativa que se inscreve no género literatura de viagens e justifica-se por duas ordens de razão: por um lado, as ocorrências apontadas articulam-se de um modo claro com uma poética que cultiva uma filiação na tradição do género e, por esse motivo, recorre inevitavelmente a uma *auctoritas* e a uma *doxa* legitimadoras de apreciações sobre o universo visitado. Por outro lado, elas articulam-se ainda com a ratificação perpetuadora de representações em torno do Outro estrangeiro, pois viaja-se com os livros e com as memórias dos livros e, mediante um processo cognitivo básico – a comparação – afere-se a memória com o real observado.

Assim, no que respeita à construção e/ou reprodução de imagens sobre Itália, tal presença significa o esperado reconhecimento de um espaço enquanto berço e matriz

⁴⁰ Visconde de Benalcanfor – “No Vesúvio”, *op. cit.*, 19 Março, 1876. Cf. igualmente carta XXXII publicada no *Comércio do Porto* a 23 de Janeiro de 1876: “A natureza inteira que nos rodeia, ora arroxando de lírios o céu, ora enrubescendo-o de púrpura e de fulgores, banhando-se de suaves transparências e ao mesmo tempo jorrando lava pela cratera abrasada dos vulcões, reúne, como a Circe da Fábula, à meiguice e às seduções da beleza o aspecto dos máximos pavores”.

⁴¹ Monsenhor J. Pinto de Campos – *Impressões de Viagens na Itália e no Sul de França*, Lisboa, Lalléant Frères, Tip. Lisbonense, 1880, p. 23.

⁴² *Idem*, p.25.

⁴³ António Rodrigues Sampaio – *op. cit.*, Julho, 1862. Atente-se igualmente nas palavras de Júlio César Machado, “(...)país sereno e tranquilo, onde em tudo se espalha um sopro de arte” (*Do Chiado a Veneza*, *op. cit.*, p.25) ou de Lopes de Mendonça quando afirma que Itália se associa à palavra arte (cf. *Recordações de Itália*, *op. cit.*, p. 68).

civilizacionais a fundamentar de resto a escolha de tal destino de viagem. Com efeito, quando se viaja em Itália viaja-se sobretudo numa biblioteca mental: na memória literária, na memória histórica, recuando e revendo uma Itália antiga, uma Itália poética, para parafrasearmos Rodrigues Sampaio⁴⁴, pois, na verdade, um livro de viagens é um livro de memórias, com memórias, “caderno de lembranças”⁴⁵ que se leva na bagagem e presentifica e também caderno de lembranças pessoal que agora se redige ou, como observa Luciano Cordeiro, “(...) um livro de viagens é o que a gente pensa [com os outros que nos precedem] e sente, viajando. É isto e mais nada. E se não é isto, então não é um livro de viagens”⁴⁶.

⁴⁴ António Rodrigues Sampaio – “Visita a Nápoles”, *op. cit.*, 30 Junho, 1862.

⁴⁵ Visconde de Benalcanfor – *op. cit.*, 3 Março, 1876.

⁴⁶ Luciano Cordeiro – *Viagens. França, Baviera, Áustria e Itália*, Lisboa, *op. cit.* p. 264.

